

[Home](#) [Edições](#)

[Online](#) [Especiais](#)

[TV Diplô](#) [Podcast](#)

[Loja](#) [NEWSLETTER](#)



[ACESSAR CONTA](#)

[ASSINE](#)

LE MONDE
diplomatique BRASIL



Edição 217
Agosto 2025

[COMPRAR](#)

[Online](#)

DESIGUALDADES

Covid-19: Não estamos no mesmo barco

O sentimento de perder o mundo pode ser coletivo e isso pressupõe o compartilhamento de um destino comum da humanidade, mas certamente, não estamos todos no mesmo barco singrando para o fim do mundo. Há transatlânticos, iates,

lanchas, veleiros, escunas, caiaques, barcos a remo, jangadas, e até náufragos agarrados em troncos no meio da correnteza.

Marco Akerman e Woneska Rodrigues Pinheiro

14 de abril de 2020



Ilona Szabó de Carvalho, colunista do jornal Folha de S. Paulo, que muito respeitamos, escreveu na sua coluna de 8 de abril de 2020, que “Somos todos vulneráveis ao vírus Sars-Cov-2”. O termo epidemiológico correto seria que “somos todos suscetíveis ao vírus Sars-Cov-2”, pois a vulnerabilidade é profundamente desigual entre as pessoas. Tenho certeza de que Ilona reconhece isso, pois seu artigo é justamente para dizer que “ninguém pode ficar para trás”.

Bruno Latour, influente filósofo francês, disse em uma entrevista ao jornal El País, em dezembro de 2019, que “O sentimento de perder o mundo, agora, é coletivo”, pois como disse Ilona em sua coluna, “Muitos finalmente perceberam que a humanidade é uma só e que somos interdependentes”. Latour se referia à saúde do planeta terra, entretanto, penso, que nós não perderemos o mundo, o mundo é que deixará de ter na sua superfície a raça humana se seguirmos na mesma toada os nossos modos de produção e consumo desiguais, injustos, supérfluos e excessivos.

O sentimento de perder o mundo pode ser coletivo e isso pressupõe o compartilhamento de um destino comum da humanidade, mas certamente, não estamos todos no mesmo barco singrando para o fim do mundo. Há transatlânticos, iates, lanchas, veleiros, escunas, caiaques, barcos a remo, jangadas, e até náufragos agarrados em troncos no meio da correnteza.

A famosa história do RMS Titanic que partiu de Southampton na Inglaterra, em 10 de abril de 1912, na direção de Nova York, nos Estados Unidos, e que na noite de 14 de abril em 1912 se chocou com um iceberg no Atlântico Norte resultando no seu naufrágio é a evidência maior de que o lugar que se ocupa na sociedade importa no seu risco de morrer.



(Scott Umstattd/Unsplash)

Vulnerabilidades distintas

Todos a bordo sofreram as consequências do naufrágio (mesma suscetibilidade), mas as vulnerabilidades eram distintas: Sobreviveram 62% dos passageiros na primeira classe, 41% na segunda, e apenas 25% dos que estavam na terceira classe.

Esse debate nasce da necessidade imperiosa de que uma política social comprometida com a promoção da equidade não deveria borrar as diferenças entre classes sociais,

gêneros, raças, etnias, territórios e países. Explicitar, desocultar, medir diferenças é o ponto de partida para a formulação de uma política pública justa. Abrir esse diálogo, também é fruto de inquietações a respeito da universalidade em saúde, reconhecendo que para legitimá-la é necessário comportar o direito à diferença, tendo em vista que não se trata mais de um padrão homogêneo, mas de um padrão equânime.

Nesse sentido, a Covid-19 nos coloca mais uma vez o desafio ético-político e, também, técnico-operacional muito bem pontuados por Teixeira e França Junior em recente artigo para Folha de São Paulo, de tratar de forma diferente os desiguais, pois como disseram eles “Precisamos ampliar a mobilização social para o auto confinamento, mitigando as consequências indesejáveis, prioritariamente para as populações mais vulneráveis que, de outra forma, não teriam condições de aderir ao distanciamento social”.

E esse é outro aspecto relevante do debate sobre diferenças que são os determinantes sociais do processo saúde-doença-cuidado. Se os fatores de risco explicam as causas das doenças, os determinantes tratam da distribuição das causas. E aqui a incômoda palavra diferença volta ao palco, pois em cada barco há um modo de produzir vida e os consequentes efeitos dessa produção no corpo, na mente, na alma, no território, na cidade e na natureza.

Em outras palavras, importa o lugar que vivo, que moro, que trabalho, que amo na determinação do processo-saúde-doença-cuidado.

Marco Akerman é professor titular do Departamento de Política, Gestão e Saúde da Faculdade de Saúde Pública da

USP, marco.akerman@gmail.com. Woneska Rodrigues Pinheiro é professora adjunta do Departamento de Enfermagem da Universidade Regional do Cariri (URCA).

Leia mais sobre o tema:

COVID 19

DESIGUALDADES

LEIA TAMBÉM



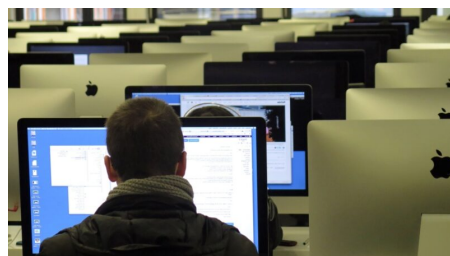
Online

Giovana Madalosso:
“percebi que, quando retiramos as emoções da vida, retiramos a própria vida”



Online

O longo caminho para
desmontar injustiças
históricas



Online

O deserto da imaginação e
as ruínas da universidade
neoliberal

Quem Somos
Clube de Descontos
Pelo Mundo
Política de
privacidade
Contato

 **ASSINE**

APP Diplô

Inscreva-se para receber nossa newsletter

LEMONTE
diplomatie

Nome*

Email*

ASSINAR

COPYLEFT © LE MONDE DIPLOMATIQUE

Desenvolvido por: [Prima Estúdio](#)